

“ISSO É TEXTO?”: A RECONFIGURAÇÃO DAS PRÁTICAS DE LINGUAGEM NA CULTURA DIGITAL E SEUS DESAFIOS PARA A ESCOLA

Maria Alice de Castro Alves¹
Jaqueline de França²
Marcia Regina Lisboa Pinheiro Mendes³

RESUMO: O presente artigo problematiza a noção de texto ainda predominante no contexto escolar, marcada pela centralidade da linguagem verbal escrita, pela linearidade e pela estabilidade estrutural, frente às transformações nas práticas de linguagem na cultura digital. Partindo de uma abordagem teórico-crítica ancorada na análise do discurso e na teoria dos gêneros discursivos, discute-se como produções como memes, vídeos curtos e postagens em redes sociais tensionam os critérios tradicionais de reconhecimento do que é texto na escola. Articulando contribuições de Bakhtin, Pêcheux e estudos contemporâneos sobre multimodalidade e multiletramentos, o artigo defende que a noção tradicional de texto mostra-se insuficiente para compreender as práticas discursivas contemporâneas. Sustenta-se que os gêneros digitais constituem práticas legítimas de linguagem, organizadas por condições específicas de produção, circulação e materialidade. Como implicação, aponta-se a necessidade de reconfiguração curricular que reconheça a diversidade das práticas de linguagem na cultura digital, promovendo uma formação crítica e contextualizada.

1

Palavras-chave: Texto. Gêneros discursivos. Cultura digital. Multimodalidade. Ensino.

ABSTRACT: This article problematizes the notion of text still prevalent in school contexts, characterized by the centrality of written verbal language, linearity, and structural stability, in contrast with the transformations in language practices within digital culture. Grounded in a theoretical-critical approach based on discourse analysis and genre theory, it discusses how productions such as memes, short videos, and social media posts challenge traditional criteria for recognizing what counts as text in school. Drawing on Bakhtin, Pêcheux, and contemporary studies on multimodality and multiliteracies, the article argues that the traditional notion of text is insufficient to account for contemporary discursive practices. It sustains that digital genres constitute legitimate language practices, shaped by specific conditions of production, circulation, and materiality. As an implication, it highlights the need for curricular reconfiguration that recognizes the diversity of language practices in digital culture and promotes critical and contextualized education.

Keywords: Text. Discursive genres. Digital culture. Multimodality. Education.

¹ Mestre em Linguagens e Letramentos - Profletras/ UNESP-Assis. Doutoranda em Educação - UNIFESP.

² Professora de Educação Básica (SME Mogi das Cruzes).

³ Professora de Educação Básica (SME - Mogi das Cruzes).

RESUMEN: Este artículo problematiza la noción de texto aún predominante en el contexto escolar, caracterizada por la centralidad del lenguaje verbal escrito, la linealidad y la estabilidad estructural, frente a las transformaciones en las prácticas del lenguaje en la cultura digital. Desde un enfoque teórico-crítico basado en el análisis del discurso y la teoría de los géneros discursivos, se analiza cómo producciones como memes, videos cortos y publicaciones en redes sociales tensionan los criterios tradicionales de reconocimiento de lo que se considera texto en la escuela. A partir de aportes de Bakhtin, Pêcheux y estudios contemporáneos sobre multimodalidad y multialfabetización, se sostiene que la noción tradicional de texto resulta insuficiente para comprender las prácticas discursivas actuales. Se argumenta que los géneros digitales constituyen prácticas legítimas del lenguaje, organizadas por condiciones específicas de producción, circulación y materialidad. Como implicación, se señala la necesidad de una reconfiguración curricular que reconozca la diversidad de prácticas del lenguaje en la cultura digital.

Palabras clave: Texto. Géneros discursivos. Cultura digital. Multimodalidad. Educación.

INTRODUÇÃO

Em contextos escolares contemporâneos, não é incomum que professores e estudantes se deparem, de forma explícita ou implícita, com a seguinte indagação: “isso é texto?”. A pergunta emerge, sobretudo, quando produções oriundas da cultura digital — como memes, vídeos curtos, stories ou postagens em redes sociais — atravessam o espaço da sala de aula e tensionam os critérios tradicionais de reconhecimento do que deve ou não ser considerado objeto legítimo de leitura e ensino. Ainda que tais produções mobilizem intensamente práticas de linguagem entre os estudantes, elas frequentemente são percebidas como formas secundárias, simplificadas ou mesmo inadequadas ao trabalho pedagógico, revelando um descompasso entre a cultura escolar e as dinâmicas discursivas contemporâneas.

Esse descompasso não se explica apenas pela presença de novas tecnologias, mas, sobretudo, pela persistência de uma noção de texto historicamente construída no interior da escola, marcada pela centralidade da escrita verbal, pela linearidade composicional e por uma relativa autonomia em relação às condições concretas de produção e circulação. Nessa perspectiva, o texto tende a ser concebido como uma unidade estável, passível de análise formal e interpretação interna, o que contribui para a marginalização de práticas discursivas que escapam a esse modelo. No entanto, em uma cultura digital caracterizada pela multimodalidade, pela circulação em plataformas e pela hibridização de linguagens, essa concepção mostra-se progressivamente insuficiente para dar conta da complexidade dos modos de significação em jogo.

É nesse cenário que se insere o problema que orienta este artigo: em que medida a noção tradicional de texto, ainda dominante nas práticas escolares, é capaz de compreender e sustentar

o ensino das formas de linguagem que circulam na cultura digital? Ao formular essa questão, desloca-se o debate de uma perspectiva meramente instrumental — centrada na incorporação de tecnologias — para um plano conceitual e epistemológico, que envolve a própria definição do que se entende por texto, linguagem e objeto de ensino.

Partindo de uma abordagem teórico-crítica ancorada na análise do discurso e nos estudos dos gêneros discursivos, este trabalho defende a tese de que a noção tradicional de texto, baseada na primazia da escrita verbal linear e na desconsideração das condições de produção e da materialidade discursiva, revela-se insuficiente para compreender as práticas de linguagem contemporâneas. Em contrapartida, sustenta-se que os gêneros digitais — como memes, stories, vídeos curtos e postagens em redes — devem ser reconhecidos como práticas legítimas de linguagem, na medida em que constituem formas historicamente situadas de enunciação, organizadas por finalidades sociais, modos de circulação e configurações multissemióticas específicas.

Para desenvolver esse argumento, o artigo organiza-se em cinco movimentos principais. Inicialmente, discute-se a noção tradicional de texto ainda presente na escola, evidenciando seus limites à luz da análise do discurso. Em seguida, recorre-se à teoria dos gêneros discursivos, especialmente em Bakhtin, como base para a ampliação da compreensão de linguagem enquanto prática social. Na sequência, são incorporadas as contribuições dos estudos da multimodalidade e dos multiletramentos, com o objetivo de destacar a centralidade das materialidades não verbais na produção de sentidos na cultura digital. Posteriormente, são analisados alguns gêneros digitais — como memes, stories e vídeos curtos —, buscando evidenciar sua densidade discursiva e seu potencial analítico. Por fim, discutem-se as implicações pedagógicas desse deslocamento, defendendo a necessidade de reconfiguração curricular que reconheça e incorpore tais práticas no ensino de língua.

Ao problematizar a pergunta “isso é texto?”, este artigo propõe deslocar o olhar da escola de uma lógica de reconhecimento baseada em formas estabilizadas para uma perspectiva que considere a linguagem em sua dimensão social, histórica e ideológica. Nesse sentido, mais do que ampliar o repertório de gêneros trabalhados em sala de aula, trata-se de reconfigurar os próprios critérios de legitimidade que orientam o ensino, reconhecendo que a escola é, também, um espaço de disputa de sentidos sobre o que conta como linguagem, como texto e como conhecimento.

TEXTO, GÊNEROS DISCURSIVOS E PRÁTICAS DE LINGUAGEM NA CULTURA DIGITAL

A noção de texto que historicamente orienta o ensino de língua portuguesa na escola está fortemente ancorada em uma perspectiva centrada na linguagem verbal escrita, na linearidade e na estabilidade estrutural. Tal compreensão privilegia textos organizados segundo padrões normativos e legitimados pela tradição escolar, como narrativas, dissertações e textos informativos, frequentemente analisados a partir de critérios internos, como coesão, coerência e correção gramatical.

Entretanto, essa concepção mostra-se progressivamente insuficiente diante das transformações nas práticas de linguagem contemporâneas. A expansão das tecnologias digitais e a consolidação das plataformas como espaços centrais de circulação de discursos produzem uma reconfiguração significativa das formas de produção, leitura e interpretação dos textos. Nesse cenário, a centralidade da escrita alfabética é tensionada por práticas que articulam múltiplas linguagens e operam em dinâmicas de circulação acelerada e interativa.

Rojo R (2017) argumenta que os processos comunicativos na cultura digital são marcados pela multiplicidade de linguagens e pela hibridização dos gêneros, o que desafia diretamente os modelos tradicionais de ensino. Nessa perspectiva, os textos deixam de ser compreendidos como unidades estáveis e passam a ser vistos como construções dinâmicas, atravessadas por diferentes modos semióticos e por condições específicas de produção e circulação.

Ribeiro AE (2021) destaca que, nos ambientes digitais, os sujeitos não apenas leem, mas também produzem, remixam e compartilham conteúdos em rede, participando ativamente da construção dos sentidos. Essa mudança evidencia que o texto não pode mais ser entendido como um produto acabado, mas como um processo em constante transformação, inserido em ecossistemas digitais que condicionam sua visibilidade e interpretação.

Além disso, Coscarelli C (2016) aponta que as práticas de leitura na cultura digital exigem a mobilização de diferentes competências, uma vez que os textos passam a integrar elementos verbais, visuais e sonoros. A interpretação deixa de ser centrada exclusivamente na linguagem escrita e passa a envolver a articulação entre múltiplos recursos expressivos.

Braga DB (2013), ao discutir os letramentos digitais, ressalta que essas práticas implicam mudanças nas formas de autoria e de participação, uma vez que os sujeitos assumem papéis ativos na produção e circulação dos discursos. Essa reconfiguração coloca em xeque a ideia de texto como unidade fechada e reforça sua natureza processual e interativa.

Do ponto de vista discursivo, essas transformações podem ser compreendidas como parte de uma mudança nas condições de produção dos sentidos. Pêcheux M (1997) já indicava que o sentido não está contido no texto, mas se constrói nas relações entre linguagem, sujeito e história. No contexto digital, essas relações tornam-se ainda mais complexas, uma vez que os textos circulam em ambientes mediados por tecnologias que interferem diretamente em sua visibilidade e interpretação.

Assim, a crise da noção tradicional de texto não se refere apenas ao surgimento de novos formatos, mas à inadequação de um modelo teórico e pedagógico que não contempla a complexidade das práticas discursivas contemporâneas. É nesse ponto que se torna necessário deslocar o olhar do texto como unidade isolada para as práticas de linguagem que o constituem, abrindo espaço para uma compreensão mais ampla, situada e dinâmica da linguagem.

Esse deslocamento teórico permite compreender que o texto não existe de forma abstrata, mas se realiza sempre como enunciado situado, vinculado a práticas sociais específicas. Nessa perspectiva, a noção de gênero discursivo torna-se central para a compreensão das práticas de linguagem, uma vez que possibilita analisar como os textos se organizam em função de finalidades comunicativas, interlocutores e contextos de produção.

Embora a teoria dos gêneros tenha sido sistematizada por Bakhtin M (2011), sua atualização no campo educacional evidencia que os gêneros não são estruturas fixas, mas formas relativamente estáveis que se transformam ao longo do tempo. Rojo R e Barbosa J (2015) destacam que, na contemporaneidade, os gêneros se reconfiguram em função das tecnologias digitais, incorporando novas formas de interação, circulação e produção de sentidos.

Ribeiro AE (2021) reforça essa perspectiva ao afirmar que os ambientes digitais potencializam a emergência de gêneros que não apenas combinam diferentes linguagens, mas também reorganizam as relações entre os sujeitos envolvidos na comunicação. Nesse contexto, os gêneros deixam de ser apenas formas de organização textual e passam a ser compreendidos como práticas sociais dinâmicas, que se constituem nas interações em rede.

Coscarelli C (2016) aponta que o trabalho com gêneros, no ensino, precisa considerar essas transformações, uma vez que os textos que circulam atualmente exigem habilidades que vão além da leitura e da escrita convencional. A compreensão dos gêneros digitais envolve, por exemplo, a capacidade de interpretar elementos visuais, sonoros e interativos, bem como de compreender as lógicas de funcionamento das plataformas em que esses textos circulam.

Além disso, Braga DB (2013) ressalta que os processos de produção e circulação dos textos na cultura digital são marcados pela participação ativa dos sujeitos, o que redefine as noções de

autoria e de interlocução. Os textos deixam de ser produzidos de forma individual e passam a integrar dinâmicas colaborativas, em que são constantemente reinterpretados, modificados e compartilhados.

Essa reconfiguração pode ser observada em diferentes práticas de linguagem presentes nas redes sociais. Comentários, postagens, vídeos curtos e outras formas de interação digital apresentam regularidades que permitem seu reconhecimento como gêneros, ainda que sejam marcados pela fluidez e pela constante transformação. Esses gêneros se organizam a partir de convenções próprias, que orientam tanto a produção quanto a interpretação dos enunciados.

Nesse sentido, compreender os gêneros discursivos como práticas sociais implica reconhecer que a linguagem se constitui na relação entre sujeitos, contextos e finalidades comunicativas. No contexto da cultura digital, essa relação se intensifica, uma vez que os textos passam a circular em ambientes que ampliam as possibilidades de interação e participação, exigindo dos sujeitos novas formas de engajamento com a linguagem.

Essa ampliação da noção de gênero discursivo encontra, na cultura digital, um elemento ainda mais desestabilizador das concepções tradicionais de texto: a centralidade da multimodalidade na produção de sentidos. Se os gêneros já evidenciam que a linguagem se organiza em práticas sociais, a multimodalidade explícita que essas práticas não se realizam exclusivamente por meio da linguagem verbal, mas pela articulação de diferentes modos semióticos.

Rojo R (2017) destaca que os textos contemporâneos, especialmente aqueles que circulam em ambientes digitais, são constituídos por múltiplas linguagens, integrando elementos verbais, visuais, sonoros e cinéticos. Nesse contexto, a construção de sentido não pode ser atribuída a um único modo de expressão, mas resulta da interação entre esses diferentes recursos.

Santos E e Souza L (2022) apontam que essa multiplicidade de linguagens exige a ampliação das práticas pedagógicas, uma vez que os sujeitos precisam desenvolver competências que lhes permitam interpretar e produzir sentidos em diferentes modalidades. A leitura, nesse cenário, deixa de ser uma atividade centrada na decodificação da escrita e passa a envolver a compreensão de imagens, sons, movimentos e elementos interativos.

Essa mudança implica também uma reconfiguração da materialidade discursiva. Chartier R (2002) já evidenciava que os modos de inscrição e circulação dos textos influenciam diretamente suas formas de leitura. No ambiente digital, essa materialidade se torna ainda mais complexa, uma vez que os textos passam a existir em interfaces que organizam, hierarquizam

e distribuem conteúdos de acordo com lógicas específicas, muitas vezes mediadas por algoritmos.

Ribeiro AE (2021) ressalta que a leitura em ambientes digitais envolve não apenas o conteúdo dos textos, mas também a navegação, a interação com elementos da interface e a compreensão das dinâmicas de circulação. Assim, o sentido é construído na relação entre o sujeito, o texto e o ambiente tecnológico em que ele se insere.

Barros EM (2020) reforça essa perspectiva ao afirmar que a produção de sentidos na cultura digital depende da articulação entre diferentes modos semióticos, o que evidencia o caráter híbrido dos textos contemporâneos. Essa característica rompe com a ideia de texto como estrutura linear e estável, evidenciando sua natureza dinâmica, fragmentada e interativa.

Dessa forma, a multimodalidade não deve ser compreendida como um elemento acessório, mas como dimensão constitutiva das práticas de linguagem na contemporaneidade. Ignorá-la no contexto escolar significa desconsiderar formas relevantes de produção de sentido, amplamente presentes nas experiências dos estudantes.

Nesse ponto, torna-se ainda mais evidente a necessidade de ampliar a noção de texto adotada pela escola. Não se trata apenas de incluir novos gêneros, mas de reconhecer que os próprios critérios de definição do que é texto precisam ser revistos, de modo a contemplar a complexidade das práticas discursivas que emergem na cultura digital.

Essa reconfiguração das práticas de linguagem torna-se ainda mais evidente quando se observam os gêneros que emergem e se consolidam nos ambientes digitais. Longe de serem formas desestruturadas ou periféricas, esses gêneros se organizam segundo regularidades próprias e respondem a finalidades comunicativas específicas, evidenciando sua natureza como práticas legítimas de linguagem.

Rojo R (2017) argumenta que os gêneros digitais se constituem a partir das condições de produção da cultura em rede, sendo marcados pela fluidez, pela interatividade e pela constante reconfiguração dos sentidos. Nesse contexto, práticas como memes, vídeos curtos e postagens em redes sociais passam a ocupar um papel central na comunicação contemporânea, exigindo novas formas de leitura e produção.

Os memes, por exemplo, constituem um gênero que articula linguagem verbal e visual, operando por meio de condensação semântica, intertextualidade e forte dependência de repertórios culturais compartilhados. Silva T (2019) destaca que sua interpretação exige não apenas o reconhecimento dos elementos explícitos, mas também a compreensão de referências implícitas, muitas vezes vinculadas a contextos sociais, políticos ou midiáticos.

De modo semelhante, os vídeos curtos amplamente difundidos em plataformas digitais configuram um gênero que mobiliza múltiplos recursos semióticos, como imagem em movimento, trilha sonora, edição e performance corporal. Freitas M (2022) aponta que esses vídeos se organizam segundo padrões específicos, como brevidade, ritmo acelerado e forte apelo à atenção, constituindo novas formas de narrativa que dialogam diretamente com a lógica das plataformas.

Além disso, Oliveira L e Costa M (2021) ressaltam que a circulação desses gêneros está diretamente relacionada às dinâmicas algorítmicas das redes digitais, que influenciam sua visibilidade e alcance. Nesse sentido, os textos não apenas circulam, mas são continuamente reconfigurados em função das interações dos usuários, como curtidas, compartilhamentos e comentários.

Essa dinâmica evidencia uma mudança significativa nas noções de autoria e de leitura. Braga DB (2013) argumenta que, nos ambientes digitais, os sujeitos atuam simultaneamente como produtores, leitores e distribuidores de conteúdos, participando de processos colaborativos de construção de sentidos. O texto, nesse contexto, assume um caráter aberto, processual e interativo.

Apesar dessas características, a escola ainda tende a operar com critérios que privilegiam a estabilidade, a formalidade e a linearidade textual, o que contribui para a desvalorização desses gêneros. Muitas vezes, práticas digitais são associadas à superficialidade ou ao entretenimento, sendo excluídas do currículo ou abordadas de forma instrumental, sem reconhecimento de sua complexidade discursiva.

Ribeiro AE (2021) aponta que essa desconsideração compromete a formação de sujeitos capazes de atuar criticamente na cultura digital, uma vez que limita o acesso a formas contemporâneas de produção de sentido. Ao ignorar esses gêneros, a escola se distancia das práticas reais de linguagem vivenciadas pelos estudantes.

Dessa forma, reconhecer os gêneros digitais como práticas legítimas de linguagem implica não apenas ampliá-los no currículo, mas compreender suas especificidades, suas condições de produção e seus efeitos de sentido. Trata-se de incorporar ao ensino a diversidade das práticas discursivas contemporâneas, articulando-as de maneira crítica às tradições escolares, de modo a promover uma formação mais ampla e contextualizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas ao longo deste artigo evidenciam que a noção tradicional de texto, ainda predominante no contexto escolar, mostra-se insuficiente para dar conta das práticas de linguagem que caracterizam a cultura digital contemporânea. Ao privilegiar a linearidade, a estabilidade e a centralidade da linguagem verbal escrita, a escola acaba por restringir seu campo de atuação, desconsiderando formas legítimas de produção de sentido amplamente presentes no cotidiano dos estudantes.

A partir da perspectiva dos gêneros discursivos, foi possível compreender que a linguagem se materializa em práticas sociais historicamente situadas, que se transformam em função das condições de produção, circulação e recepção. Nesse sentido, os gêneros digitais não representam uma ruptura com a linguagem, mas um desdobramento das formas de ação discursiva em novas esferas de atividade, mediadas por tecnologias e dinâmicas próprias da cultura em rede.

A incorporação da multimodalidade e dos multiletramentos amplia ainda mais essa compreensão, ao evidenciar que os processos de significação contemporâneos se constroem na articulação de múltiplos modos semióticos. Textos que integram imagem, som, movimento e interação não podem ser reduzidos a uma análise centrada exclusivamente na linguagem verbal, exigindo abordagens pedagógicas que considerem a complexidade dessas práticas.

Nesse cenário, gêneros como memes, vídeos curtos e postagens em redes sociais devem ser reconhecidos como práticas legítimas de linguagem, dotadas de regularidades, finalidades comunicativas e modos específicos de produção de sentido. Sua exclusão do currículo não apenas empobrece o ensino, mas também contribui para o distanciamento entre a escola e as experiências reais dos estudantes.

Dessa forma, defender a ampliação da noção de texto implica, necessariamente, repensar os critérios de seleção dos objetos de ensino e as práticas pedagógicas adotadas. Trata-se de deslocar o foco de uma concepção normativa e restrita de linguagem para uma abordagem que reconheça sua dimensão social, histórica e ideológica, conforme apontam os estudos do campo discursivo.

Ao assumir esse desafio, a escola se reafirma como um espaço de produção crítica de conhecimento, capaz de formar sujeitos que não apenas compreendem, mas também intervêm nas dinâmicas discursivas que estruturam a vida social. Isso exige a construção de práticas

pedagógicas que articulem diferentes gêneros, linguagens e contextos, promovendo uma formação que esteja à altura das demandas da cultura digital.

Assim, mais do que responder à pergunta “isso é texto?”, torna-se fundamental problematizar os próprios critérios que sustentam essa indagação, reconhecendo que o conceito de texto é historicamente construído e, portanto, passível de transformação. Nesse movimento, a escola tem a oportunidade de ampliar seu horizonte formativo, incorporando a diversidade das práticas de linguagem contemporâneas e contribuindo para a formação de sujeitos críticos, reflexivos e socialmente engajados.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN M. Estética da criação verbal. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BARROS EM. Multimodalidade e produção de sentidos na cultura digital. *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia*, Belo Horizonte, v. 13, n. 3, p. 1-15, 2020.
- BRAGA DB. Letramento digital: práticas sociais de leitura e escrita em ambientes digitais. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 365-390, 2013.
- CHARTIER R. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 2002.
- COSCARELLI C. Gêneros digitais e ensino de leitura. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 16, n. 1, p. 7-25, 2016.
- FREITAS M. TikTok e novos gêneros audiovisuais: práticas de linguagem na cultura digital. *Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 45-60, 2022.
- OLIVEIRA L; COSTA M. O meme como prática discursiva na cultura digital. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 1-18, 2021.
- PÊCHEUX M. Análise automática do discurso. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- RIBEIRO AE. Ler, escrever e interagir em ambientes digitais: práticas de linguagem contemporâneas. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 789-810, 2021.
- ROJO R. Gêneros discursivos digitais e ensino de língua portuguesa. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 56, n. 2, p. 345-362, 2017.
- ROJO R; BARBOSA J. Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros digitais. *DELTA*, São Paulo, v. 31, n. especial, p. 623-644, 2015.
- SANTOS E; SOUZA L. Multiletramentos e práticas pedagógicas na educação básica. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 38, e25987, 2022.
- SILVA T. Memes como gêneros discursivos digitais: produção e circulação de sentidos na internet. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 567-582, 2019.